

Será que entendem?

Published by Regina at December 7, 2007 in Diário.

Um dos capítulos de meu livro sobre a obra de João Bosco é sobre os shows dele. Há um diferencial muito grande entre os CDs, por melhores que sejam (e olhem que são danados de bons!), e os shows.

No show, João toma conta: mesmeriza, seduz, brinca, alterna música lenta com música animada, as mais antigas e conhecidas com coisa nova, as sentimentais-amorosas (as favoritas do público) com as não sentimentais (minha favorita é "Tiro de Misericórdia", parceria com Aldir Blanc, história, em quatro andamentos, de um guri de 13 anos, favelado, morto a tiros : mataram o menino/ do corpo fechado/ e barbarizaram/ com mais de cem tiros/ Treze anos de vida sem misericórdia/ e a misericórdia/ no último tiro. Não é, obviamente, uma das sentimentais-amorosas...)

Ano passado, em Joinville, quando conversei com João, antes do show, eu lhe disse: vou retomar e atualizar a pesquisa, e transformar em livro. Mas Santa Catarina é meu país, e acho difícil, cada vez mais difícil, sair daqui... Ele não disse nada. Mas, no último ano, fez exatos seis shows cá na santa terrinha. Um diferente do outro, como se houvesse múltiplos joões... E não me cobra, não me enche o saco, não me enche de dados: deixa que eu trabalhe do meu jeito, assim como ele trabalha do jeito dele.

Este capítulo já estava ficando o capítulo mais bonito do livro, por causa dessa diversidade toda. E o Projeto Pixinguinha pôs o fecho de ouro: de volta ao começo, há trinta anos, e ao Projeto 18:30, quando ele correu o país com Quelé, a Clementina de Jesus, os primeiros a se apresentarem no que veio a se transformar em Projeto Pixinguinha quando foi incorporado pela Petrobrás. A preços populares, num horário também acessível às camadas populares: estavam saindo do trabalho, veriam o show, não chegariam muito tarde em casa, iriam trabalhar numa boa na manhã seguinte...

Pra quem estuda a obra de JB, este Projeto fechou lindamente: com a homenagem à Quelé, homenagem feita através de uma canção-solo, Gagabirô, que não tem letra NORMAL, só sonoridades (e o público canta com ele o canto de wemba, afrocubano, uma letra que não tem significado pra nós... ah, uembá, uembaná uembá, iôiô...) De volta ao começo, mas jamais do mesmo jeito: quem volta, não volta ao mesmo lugar, como diz a canção de Hermínio Bello de Carvalho... Não somos mais os mesmos, o lugar não é mais o mesmo.

E é fantástico quando, avaliando, podemos ver que estamos MELHORES.